

Desafios na preservação do patrimônio afro-brasileiro no MAFRO/UFBA

Maria das Graças de Souza Teixeira¹

Introdução

Este artigo espelja os trilhos seguidos pela sua pesquisadora, que tem trilhado o caminho da Museologia Social. Uma Museologia que tem como ferramenta principal a a escuta², onde todo e qualquer sinal é considerado combustível para pensar os programas e projetos a serem realizados pela instituição Museu. A Museologia social é aqui compreendida como um conjunto de ações, conduzidas pela escuta, que busca democratizar o conhecimento numa construção partilhada e compartilhada, que inclui de maneira horizontalizada os sujeitos que dela participam, para que sejam agentes do seu próprio protagonismo e participe também, do protagonismo da instituição, numa via de mão dupla.

Explicita a concepção de Museologia Social, aqui adotada, considera-se relevante pontuar que compreende-se o Museu como um espaço de poder e conflito, de diálogo, de encontros, desencontros e também de reencontros, lócus de protagonismo e

¹ Museóloga e Doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia, Professora do Departamento de Museologia e Programa de Pós-Graduação em Museologia/UFBA e Coordenadora do Museu Afro-Brasileiro/UFBA.
mgteixeir@hotmail.com

² Diálogo com o conceito de escuta sensível, cunhado por Barbier (1996).

afirmação social. Nessa perspectiva, pensar a preservação³ do patrimônio afro-brasileiro e sua interface com a comunicação, se coloca como um dos maiores desafios na construção das narrativas, buscando desconstruir a noção historicamente constituída do Museu enquanto espaço de ‘verdades’.

El discurso, sin embargo, no se limita a la acción verbal, sino que también involucra significado, interpretación y comprensión, lo cual significa que el acceso preferente ao discurso público o el control sobre sus propiedades (por ej. Temas específicos o preferidos) también puede afectar al pensamiento de los demás. Em otras palabras, los actores sociales con poder, además, de controlar la acción comunicativa también hacen lo propio com el pensamiento de sus receptores (DIJK,1997, P.21).

Neste contexto, o desafio é não reproduzir discursos a partir de narrativas produzidas por grupos hegemônicos, para que não sejam utilizadas como elementos que venham influenciar as etapas do processo de significação e ressignificação dos objetos, ao qual denominamos de Musealização. Desse modo, na Musealização “o processo inicia-se ao selecionar o objeto do seu contexto e completa-se ao apresentá-lo publicamente por meio de exposições, de atividades educativas e de outras formas” (CURY, 2005, p. 26).

Portanto, esse processo tem como meta principal, comunicar o patrimônio. O desafio em comunicar por meio do patrimônio é a interface entre o individual e o coletivo” (CARVALHO, 2008 p.141) e para entendê-lo tem que se levar em conta a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, sobretudo, porque o Museu é para ela um

³ Adoto nesse estudo a concepção de preservação como uma ação política, na qual em minha compreensão a centralidade está na revelação dos sujeitos, dos quais o objeto é o mediador em sua teia social desde a sua concepção ao seu uso. A preservação assim compreendida possibilitará a comunicação do patrimônio mediando o encontro entre sujeitos pretéritos e sujeitos presentes.

Os desafios na preservação do patrimônio afro-brasileiro MAFRO/UFBA 21
Maria Teixeira

espaço coercitivo. Esse raciocínio corrobora com nossa assertiva de que o museu é espaço de poder e conflito, espaço de representação do “outro” e na ação de comunicação desse outro, considero um dos grandes problemas de interface na preservação do patrimônio, o que dissertarei mais adiante.

O locus do estudo

O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, localizado na Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, Centro Histórico de Salvador Bahia, atualmente Núcleo de Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, criado no Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO) em 1974, a partir de um convênio de Cooperação entre o Ministério das Relações Exteriores, Governo do Estado da Bahia, Prefeitura de Salvador e a Universidade Federal da Bahia, aberto ao público em 1982.

O Museu tem como missão ser um espaço identitário das comunidades negras da Bahia e do Brasil, bem como ser um espaço de diálogo com as culturas dos países africanos e das diásporas. Seu acervo é composto por duas coleções: Cultura Material Africana e Cultura Material Afro-Brasileira, a exemplo, de peças do vestuário afro-religioso, dos blocos afros e afoxés, capoeira, utensílios em metal, cerâmica e terracota, obras de arte como gravuras, pinturas e esculturas dentre outras. A responsabilidade de compor a coleção de origem africana foi atribuída pela Universidade ao etnólogo e fotógrafo francês, Pierre Verger que adquiriu por compra e doação objetos, majoritariamente, de países de culturas iorubanas, o que contribuiu para uma apresentação focada na região da África Ocidental, uma África Nagô (Benin e Nigéria).

No tocante a coleção afro-brasileira sua formação é decorrente do interesse de vários espaços e grupos negros da Bahia em se fazer presentes no museu, realizando doações de um número significativo de objetos. doados por Terreiros de Candomblé de

Salvador e do Recôncavo Baiano, além das peças que estão sob sua responsabilidade por comodato e por empréstimo⁴.

Desta forma, o MAFRO/UFBA é visto como o lugar de representação de memórias e identidades do povo negro na e da Bahia, tomando como referência as palavras de Ulpiano Bezerra de Meneses (1993), diria que se constitui num “Território de Identidades”. Nessa perspectiva, ressalta-se que a interlocução e diálogo entre o museu e a comunidade negra vêm se estabelecendo desde a sua abertura, contribuindo assim para a formação de uma teia de reconhecimento e busca do fortalecimento das identidades negras. Observamos esse processo principalmente na solicitação do espaço do Museu para ações que envolvem discussões de temáticas para serem problematizadas no e com o museu. Esse processo acaba por ampliar a possibilidade da escuta como ferramenta principal para preservação partilhada e compartilhada.

Ao se colocar como um espaço em que os sujeitos sejam vetores de suas próprias vozes se depara com os desafios de promover neste “território de identidades”, o encontro entre os muitos “outros” na comunicação do patrimônio em suas múltiplas faces, uma vez que na sua exposição de longa duração, os objetos se apresentam de maneira superficial, sem dar conta das vivências e experiências dos sujeitos que fizeram e ainda fazem parte da dinâmica social dessas peças.

⁴ Os 27 painéis com a representação de 27 Orixás de autoria do artista plástico Carybé oriundos do Banco da Bahia e pertencente à família Clemente Mariani, e coleção Estácio de Lima, com peças que faziam parte do acervo do Museu Estácio de Lima, pertencente a Polícia, estas foram fruto das batidas policiais nos Terreiros de Candomblé, ação coercitiva que aconteceu até o final dos anos sessenta do Século XX, a salvaguarda dessa coleção é resultado de um movimento para recuperação das mesmas por diferentes atores da comunidade negra.

A preservação do patrimônio no MAFRO/UFBA

Se o processo de musealização tem como objetivo comunicar o patrimônio, temos que buscar compreender o que chamamos de patrimônio e como este é comunicado no museu. O patrimônio é aqui entendido como suporte de memória e como tal, registro de experiências dos sujeitos que fizeram e ou fazem parte da vida deste suporte, o qual passo a denominar de objeto, seja ele físico ou não. Registro de experiências, porque para nós que trabalhamos na perspectiva da Museologia Social, o objeto é percebido como representação quando ele é dotado de sentido pelo significado ali revelado ou silenciado por meio dos discursos e narrativas que legitimam o lugar e o não lugar dos sujeitos nos museus que os abrigam. Assim, o ponto de partida para apreendermos o objeto nesta conjuntura, nos remete ao questionamento: como este espaço revela o lugar ou o não lugar dos sujeitos nestas representações?

Embora este seja, a luz da compreensão desta pesquisadora, um dos maiores desafios para quem trabalha com o patrimônio em museus, não é o objeto de análise do presente estudo, portanto, a abordagem estará limitada nas questões acerca da preservação e comunicação do patrimônio afro-brasileiro a partir das ações desenvolvidas no MAFRO/UFBA, no período já referido. O conjunto de ações de preservação que realizamos compõe no meu entendimento as atividades desenvolvidas nas técnicas da conservação, documentação e pesquisa, que fazem parte da engrenagem na organização de informações sobre as peças do acervo com o objetivo de apresentá-las ao público.

Destarte, todas as ações realizadas na preservação, tem seu ápice na comunicação do patrimônio, através dos diversos instrumentos utilizados pela grande mídia Museu. Seguindo este raciocínio, elencaremos alguns projetos realizados em documentação, conservação, pesquisa e extensão no MAFRO/UFBA.

Documentação e pesquisa

A propósito de organização listamos os projetos utilizando a ordem cronológica segundo a classificação: *a) em execução* e *b) finalizados*.

a) Em execução

- Projeto de pesquisa **Estudo do acervo do Museu Afro Brasileiro da UFBA para a Requalificação da Exposição de Longa Duração** de minha autoria e coordenação, conta com a participação dos estudantes bolsistas PIBIC⁵: Eutália Pereira França e Rogério Wesley Reis Felix Santos. O projeto tem com finalidade subsidiar o projeto expográfico para requalificação de sua exposição de longa duração, bem como ampliar as informações para a elaboração de material didático que será utilizado nas ações educativo-culturais. Acreditamos que esse projeto contribuirá para preencher lacunas existentes sobre grande parte das coleções possibilitando assim, não só a apresentação de acervos mantidos na clausura da reserva técnica. Desse modo, o projeto se constitui em suporte para a construção de novas narrativas. Período de execução 2016-2017.

- Projeto de pesquisa do Pós-Doutorado da profa. Joseania Miranda Freitas intitulado **O Estudo das Doze Cópias de Arte Centro Africana do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia**. O trabalho de pesquisa vem contribuir para fechar mais uma lacuna dos estudos

⁵ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. A cota de bolsas de (IC) é concedida diretamente às instituições, estas são responsáveis pela seleção dos projetos dos pesquisadores orientadores interessados em participar do Programa.

sobre a coleção do museu, de modo particular, por se tratar de cópias recebidas do Museu de Teviriem (Bélgica), na época da sua criação. Período de execução 2016-2017.

a) *Finalizados*

- O projeto **Sistematização e Documentação do Acervo do Museu Afro-Brasileiro da UFBA**, contemplado pelo Edital MINC/UFPE 2013, porém executado no período de 2014-2015. O projeto nasce da urgência de se estruturar a documentação institucional, bem como do próprio acervo que até então não tinha sido documentado e digitalizado, organizado dentro em sistema de documentação que pudesse ser disponibilizado. O projeto coordenado por mim, elaborado em coautoria com a museóloga Andrea de Britto, que atuou como técnica responsável pela execução do projeto juntamente com os estudantes bolsistas Zinalva Ferreira, Eldon Luiz, Lara Marques e Jeane Rocha, Carlos Victor Pereira e Milena Soares. Como desdobramentos do projeto foram realizados o **I Seminário de Documentação do MAFRO/UFBA**, em julho de 2015, reunindo coordenadores dos projetos contemplados pelo edital nos estados da Bahia, Paraíba, Sergipe e Pernambuco e o **II Seminário de Documentação do MAFRO/UFBA**, uma atividade em conjunto com o **Seminário Nacional de Documentação Afro-Digital**⁶, realizado em julho de 2016.

⁶Projeto contemplado pela Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB), teve como objetivo promover a participação de Instituições que atuam e desenvolvem ações relacionadas a documentação de memória e preservação de acervo afro-digital, bem como ampliar o diálogo entre as mesmas com vistas a fortalecer a Rede Memorial na Bahia, criando o Nó Bahia cuja missão está na atuação para a preservação e salvaguarda da Memória e da Cultura Afro-brasileira. Neste contexto, o II Seminário de Documentação do MAFRO/UFBA justifica-se pela experiência e mérito de continuidade do I Seminário de Documentação do MAFRO, evento regional realizado com sucesso no ano de 2015, e que tem, na sua segunda edição

- Projeto de pesquisa de mestrado da museóloga Dora Galas, intitulada **O Som do Silêncio: Ecos e Rastros Documentais de Vinte e Seis Esculturas Afro da Coleção Estácio de Lima⁷**, no período de 2013-2015, orientado pelo prof. Dr. Marcelo Bernardo da Cunha.
- Projeto de pesquisa **Coleção de Capoeira do Museu Afro-Brasileiro da UFBA** de autoria e coordenação da professora Joseania Miranda Freitas que culminou na publicação do livro-catalogo intitulado **Uma Coleção Biográfica dos Mestres Pastinha Bima e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro/UFBA**, lançado em 2015. O catalogo contou com a produção de textos em diferentes linguagens, escritos por autores da comunidade acadêmica e da Capoeira. A pesquisa teve início em 2002 e contou com

em 2016, o seu potencial reconhecido e ampliado para evento de porte e organização nacional. Nesse sentido, além de apresentar epistemologias e metodologias desenvolvidas pelos projetos contemplados pelo **Editais Minc/UFPE 2013 - preservação e acesso aos bens do Patrimônio Afro-Brasileiro** - integrará como parte da Rede Memorial Bahia, outras instituições e novos parceiros através do conhecimento, acesso e compartilhamento de um sistema de informações e disponibilização de acervos até o momento pouco acessado e experimentado em nosso país (plataforma Tainacan). Os dois seminários foram realizados concomitantemente reunindo 120 pessoas inscritas, formando uma plenária diversificada com profissionais da Ciência da Informação, museólogos, representantes de espaços de memória de Terreiros de Candomblé, de Associações e representantes de Coletivos e ONGS da cidade de Salvador e do Recôncavo Baiano, além de professores, estudantes e pesquisadores da UFBA, Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

⁷ A coleção Estácio de Lima está sob a guarda do museu por empréstimo, a partir de um convênio entre o Governo do Estado da Bahia e a Universidade Federal da Bahia, no período de 2010-2020. A referida coleção é constituída de peças apreendidas durante as ações coercitivas de batidas policiais aos Terreiros de Candomblé baianos, oriunda do museu Estácio de Lima, conhecido como Museu da Polícia.

bolsas dos programas PIBIC e Sistema Permanecer⁸ para estudantes de Museologia, Arquivologia, História e Dança.

•

Todos os projetos referenciados, em sua especificidade contribuíram para organização da documentação do acervo e da instituição. Aparentemente um projeto de documentação pode parecer estanque servindo apenas ao interesse interno, o que se constitui num equívoco, tal compreensão se desdobra em graves consequências na preservação e comunicação do patrimônio, uma vez que, toda instituição que não tem o acervo com sua documentação devidamente organizada e sistematizada, dificulta o atendimento das demandas das pesquisas internas e externas.

Área de Conservação

- Projeto **A Conservação Preventiva aplicada ao Museu Afro Brasileiro/UFBA**, de minha autoria e coordenação tem como objetivo dar continuidade a aplicação de diagnóstico de conservação nas peças ainda não diagnosticadas, leitura dos dados adquiridos no diagnóstico já realizado, tabulação dos dados de aferição de umidade e temperatura para entender o comportamento térmico do edifício e os intervenientes do

⁸ O Programa Permanecer faz parte das ações da Coordenadoria de Ações Afirmativas, Educação e Diversidade da Pró-Reitoria de Assistência Estudantil da UFBA, cujo objetivo é assegurar a permanência bem sucedida de estudantes em vulnerabilidade sócio-econômica por entender que estes têm maior probabilidade de ter que adiar ou mesmo interromper sua trajetória acadêmica devido a condições desfavoráveis que interferem concretamente na sua presença no contexto universitário. O Programa foi criado com recursos oriundos da política de descentralização orçamentária da SESU/MEC com aplicação destinada a bolsas de permanência. Constitui-se em uma rede de ações no campo da extensão, atividades docentes e atividades institucionais, voltadas, principalmente, à formação e apoio social aos estudantes, bem como à consolidação de novas estruturas universitárias que possibilitem a sustentabilidade da política de acesso ao ensino superior.

seu entorno, verificando o comportamento dos agentes de degradação que interferem na estabilidade do acervo. Este projeto teve início em 2012, ao longo deste período pudemos resolver alguns problemas pontuais como a colocação de dois gradis para ampliar a aeração de duas salas expositivas impedindo a proliferação de micro-organismos em algumas peças detectados em 2013, acarretada principalmente pelo alto índice de Umidade Relativa (UR) e temperatura.



Portanto, após pesquisa e análise sobre a natureza destes agentes é possível realizar o monitoramento dos espaços e do acervo, tanto em reserva quanto em exposição, ainda que mecânico⁹. O trabalho tem contribuído sobremaneira para termos clareza dos riscos iminentes e também por em prática algumas normas técnicas da conservação preventiva. Desse modo, consideramos que o grande desafio no âmbito da conservação seja implantar um sistema de controle das condições ambientais, considerando os índices de umidade relativa e temperatura, aeração, segurança e o Controle Integrado de Pragas (CIP) para assegurar a proteção e salvaguarda, prologando a vida dos objetos que compõe o acervo do museu.

Além das atividades desenvolvidas no projeto referido acima, foi desenvolvido, junto aos estudantes matriculados na disciplina Laboratório de Conservação, aulas práticas no espaço do Museu. No contato direto com o acervo os estudantes realizam inicialmente a aplicação de diagnóstico, estudo de produtos (pesquisa da

⁹ Para o monitoramento a aferição é realizada com um termohigrometro digital onde anotamos manualmente os dados duas vezes ao dia pela manhã por volta das 10:00 horas e à tarde por volta das 15:00 horas nas salas de exposição e da reserva técnica do museu. Em cada sala procedemos com a medição dos quatro cantos da mesma, em seguida os dados são digitados numa tabela Excel e depois transformados em gráficos

Os desafios na preservação do patrimônio afro-brasileiro MAFRO/UFBA 29
Maria Teixeira

composição química e testes antes da aplicação no acervo), equipamentos e materiais utilizados no âmbito da conservação preventiva, para em seguida procederem a higienização mecânica e química do acervo e posterior armazenagem no suporte e local de origem. A proposta de trazer esta disciplina para ser ministrada no museu, por um lado, é possibilitar a aproximação do museu com outros espaços de formação da Universidade, oportunizando aos discentes o exercício prático dos conhecimentos construídos na disciplina Conservação de Acervos (pré-requisito) para a disciplina Laboratório de Conservação; por outro lado, é contribuir para a ação efetiva da conservação do acervo.



Higienização de painéis em exposição, 2015.
Foto Institucional.

A partir do trabalho que vem sendo desenvolvido no projeto de preservação e nas aulas de conservação podemos verificar que os riscos são iminentes, constituindo mais um desafio na preservação e comunicação deste patrimônio, haja vista que a instituição não tem em seus espaços, infraestrutura que atenda as Normas Técnicas da Conservação Preventiva para que o acervo tenha sua vida prolongada, mantendo suas propriedades físicas protegidas.

Interfaces entre Preservação e Comunicação

A interface entre a preservação e a comunicação no MAFRO/UFBA se dá de diferentes formas, tanto no âmbito interno quanto externo, a saber:

- por meio das pesquisas sobre seu acervo que vem aos poucos suprindo as inúmeras lacunas de informações;
- através das exposições temporárias que tem se tornado palco de protagonismo de muitos artistas ainda não visibilizados na Bahia, mesmo aqueles artistas de reconhecimento internacional, mas que nunca tiveram uma exposição individual em museus. Esse protagonismo repercute também numa maior visibilidade do MAFRO, além de contribuir para fortalecer os laços com a comunidade negra.
- publicação de textos dos pesquisadores colaboradores, na sua maioria dissertações, teses, trabalho de conclusão de curso de graduação e artigos;
- os seminários e as rodas de diálogos, atividades integradas aos programas de extensão já fidelizados, a exemplo, do MAFRO e Você, Agosto da Consciência e Linguagens Pretas¹⁰;

¹⁰ O programa **O MAFRO e Você** realizado anualmente no mês de novembro, completou este ano a sua quinta edição. Este evento é coordenado pelo jornalista Marcos Rodrigues, colaborador do museu e propõe reunir diferentes atores para discutir questões relacionadas as questões étnico-raciais, dentre outras temáticas no contexto da Cultura Afro-brasileira. **O programa Agosto da Consciência** acontece no mês de agosto em consonância com outros eventos que rememoram a Revolta dos Búzios, objetiva discutir questões sobre as diversas formas de violência que acomete a comunidade negra, a exemplo, da intolerância religiosa, racismo e “genocídio” da juventude negra. O programa **Linguagens Pretas** criado pela estudante bolsista Aislane Nobre mediadora no museu. O evento tinha o formato de Roda de Diálogo e acontecia bimensalmente por dois anos (2014-2015), findou porque a estudante se graduou perdendo a bolsa de estudante, como o museu não tem recursos para contratá-la, a mesma se desligou. Todas essas ações são significativas na difusão do conhecimento das várias formas do patrimônio afro-brasileiro, além de subsidiar a nossa escuta com informações substanciais para

- por meio das Mídias Digitais. Atualmente o museu conta com uma fanpage no Facebook, vídeos com entrevistas sobre o museu e exposições temporárias, disponíveis no Youtube e também com a disponibilização do acervo digital na Plataforma Tainacan. O site institucional desde 2013 que se encontra desativado, está em processo de reativação e a criação de conta no Twitter que está em andamento.
- programa de Ação Educativo Cultural coordenado pela museóloga Emília Neves, com supervisão da museóloga Ilma Vilasboas. O programa contempla a atividade de mediação junto às instituições e grupos que agendam visitas, na sua maioria escolas e universidades e atua na capacitação dos mediadores, objetivando assegurar um atendimento ao público de qualidade.
- participação em eventos de âmbito local, regional, nacional e internacional a partir de convites de diversas instituições acadêmicas, associações de grupos de coletivos e comunidade tradicionais para apresentar o trabalho desenvolvido no museu além de participar audiências públicas e reuniões com direito a voz e voto. Na condição de coordenadora avalio que a participação nestes eventos é de grande valia para a visibilidade do MAFRO, como também para a ampliação dos meus conhecimentos sobre o patrimônio e a cultura afro-brasileira.

que possamos contemplar as demandas advindas dos vários sujeitos sociais, principalmente os ligados a comunidade negra.

Nesse contexto, é importante pensar o patrimônio, em relação à cultura. A cultura aqui entendida como trabalho do ser humano, um conjunto de práticas que são permeadas ou mediadas pelos objetos, os quais são denominados por Hall de “objetos culturais”. Segundo o autor “a cultura está envolvida em todas essas práticas que não são geneticamente programadas em nós, mas que carregam sentido e valores para nós, ou que dependem do sentido para seu efetivo funcionamento” (HALL, 2015, p.23). Enquanto profissionais que lidam com a comunicação do patrimônio, dos objetos culturais temos que estar atentos ao nosso trabalho não só no momento de expor determinado objeto numa vitrine ou quando escrevemos um texto sobre o mesmo, mas, em todas as ações realizadas no processo de musealização, para não incorrerem no equívoco da hierarquização dos objetos.

Os objetos são instrumentos culturais que comunicam o patrimônio, a partir do discurso construído sobre os mesmos que norteia as narrativas textuais ou não textuais na exposição, nos materiais gráficos, na fala dos mediadores, demonstrado o posicionamento político da instituição. Contudo, a depender do propósito de seus produtores, o discurso silencia e/ou invisibiliza os sujeitos e o contexto cultural circunscrito nos objetos. A esse respeito Canclini (2003) aponta que “por un lado, la cultura como potente motor de desarrollo. Por otro, las culturas como pretexto para marcar las diferencias y a menudo para discriminar. Los bienes culturales dan continuidad a lo que somos, pero a veces hacen que nos vean como un paquete de estigmas” (CANCLINI, 2003, p. 2).

Corroborando com o pensamento de Canclini (2003) o conceito de experiência de Walter Benjamin (1998) segundo o qual as vivências dos sujeitos sociais são marcadas no patrimônio, portanto, nos objetos. Neste sentido, quando este patrimônio não comunica as vivências, ou seja, as experiências dos sujeitos, ele perde a razão de sua preservação. A esse respeito Benjamin nos coloca uma

questão: “Qual o valor de todo nosso patrimônio cultural se a experiência não o vincula a nós?” A partir desta provocação considero que o museu deve levar em conta a vivência dos sujeitos imbricada na materialidade do objeto. Porque trago para essa discussão a questão da experiência? Porque ao trabalharmos o objeto no museu, temos muitas vezes silenciado ou invisibilizado as experiências de certos sujeitos.

Sobre essa questão a museóloga Joana Angélica Flores Silva (2015) alerta sobre a responsabilidade da instituição museológica

[...] tratar o museu buscando identificar os sujeitos contemplados pelo mesmo em suas ações, é reportar o pensamento museológico ao século passado enquanto área do conhecimento e identificar pontos de confluência entre quem pensa os museus e para quem eles são destinados, visto as suas ações estarem ainda vinculadas a evidenciar a superioridade de determinados grupos em detrimento de outros (SILVA, 2015, p.46).

Seguindo o raciocínio da autora compreendemos o grau de responsabilidade ao realizar a preservação e a comunicação do patrimônio no MAFRO/UFBA, que deve ser encarado como posicionamento político, entendendo que preservação e comunicação não são estanques, mas são ações imbricadas que culminam na representação do acervo, dos objetos. Desse modo, os “objetos culturais” são carregados de sentidos, assim, a representação destes produz o discurso que compõe as narrativas, logo não são neutros. De acordo com Hall (2016)

os “objetos culturais” são carregados de sentidos. Estes sentidos serão ressignificados pelos discursos e narrativas construídos para comunicar os “objetos culturais”[...] pensar e sentir são em si mesmo um sistema de representação, nos quais nossos conceitos, imagens e emoções dão sentido a ou representam- em nossa vida mental – objetos que estão, ou podem estar, “la fora” no mundo” (HALL, 2016 p.23).

Diante do exposto, percebemos que o desafio no processo de comunicar o patrimônio é utilizar códigos que os interlocutores e/ou receptores possam interpretar, interagir no espaço do museu. Contudo, sabemos que essa não é uma tarefa fácil, haja vista que são múltiplos os perfis do público que visita o museu, por isso a escuta se faz uma ferramenta importante para estabelecer o diálogo de maneira que a linguagem não subordine o outro pela narrativa presente na comunicação do “objeto cultural”, pois é pela linguagem presente na narrativa que expressamos os nossos conceitos, ideias e pensamentos sobre as coisas. Utilizamos a noção de linguagem referenciada em Hall (2016)

[...] a linguagem é uma prática significante. Qualquer sistema representacional que trabalhe nestes termos pode ser visto, de forma geral, como algo que funciona de acordo com os princípios da representação pela linguagem [...] Exposições em museus ou galerias podem igualmente ser vistas “como linguagem”, já que fazem disposição de objetos para elaborar certos sentidos sobre o tema da mostra. (HALL, 2016, p.24).

De tal modo, é importante pensar, que o fazer museológico é realizado pelos profissionais, que na maioria das vezes tem um discurso que contradiz com as suas práticas. Portanto, é necessário, refletir sobre representação nesse espaço de poder e conflito que é o museu, levando em consideração questões prementes, como a discussão de gênero e das relações étnico-raciais e da própria dinâmica social. Sem essa reflexão continuaremos com um pensar de séculos anteriores que nos conduz a uma prática colonizadora.

Considerações Finais

Retomando a problemática das ações de preservação do Patrimônio Afro-Brasileiro realizadas no Museu Afro-Brasileiro da

Universidade Federal da Bahia que norteou a construção deste texto, procurou-se, de forma objetiva, apontar alguns problemas e desafios que se colocam na interface entre a preservação e a comunicação do patrimônio, centrando a análise nas ações da conservação, documentação e pesquisa. Desse modo, apresentou-se o panorama da vivência diária do museu em busca da aproximação com os diversos perfis de público, demonstrando alguns pontos de tensão no processo de Musealização, principalmente no que diz respeito às carências estruturais da instituição frente aos desafios aqui expostos. Contudo, sabe-se que cabe aos profissionais que lidam com o patrimônio, o desafio de preservá-lo no fazer da prática diária com compromisso, ética e responsabilidade dentro das condições que temos.

Apesar dos muitos entraves para preservar e comunicar o patrimônio, dentre os quais, a falta de equipamentos, espaço e pessoal qualificado não devem ser a chave para a realização de uma museologia estanque, mas a alavanca para que o patrimônio afro-brasileiro seja comunicado na perspectiva da Museologia Social, fortalecendo o MAFRO/UFBA como lugar de oposição as várias formas de aniquilamento das memórias negras no Brasil, lugar de reflexão, de encontro e reencontro com os muitos “outros” que ainda hoje lutam pela afirmação das suas identidades. A meu ver o museu se coloca na “Roma Negra” como um espaço que se assemelha a um Quilombo, onde as pessoas buscam nos laços afetivos e políticos ampliar e fortalecer a teia de relação entre os sujeitos produtores deste patrimônio.

Portanto, é importante que continuemos a empreender esforços para fortalecer os laços do MAFRO com a comunidade negra, sobretudo, baiana para juntos protagonizarem a memória, a história e a cultura dos muitos sujeitos que ainda se encontram sob os grilhões do discurso e narrativas colonizadores, quando não invisibilizados. Neste sentido, apesar de todo trabalho realizado

com o propósito de dá voz aos diferentes sujeitos e atores sociais negros abrindo o espaço do museu para realizar diversas atividades no âmbito da extensão e das exposições temporárias, tenho consciência que ainda carece de uma reformulação do seu discurso e das narrativas, principalmente no que diz respeito a sua exposição de longa duração.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, René. **L'approchetransversale, l'écoute sensible en sciences humaines**, Paris: Anthropos, C. Exploration Interculturelle, 1997.
- CABRAL, Magaly e RANGEL, Aparecida. **Processos educativos: de ações esparsas a curadoria**. In: JULIÃO, Letícia (coord.); BITENCOURT, José Neves (org.). Caderno de diretrizes museológicas 2: mediação museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.p.158-168.
- CARVALHO, Luciana Menezes de. **Em direção à Museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar**. 2008. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2008. p. 130-145.
- CHAGAS, Mário. **O Museu-casa como problema: comunicação e educação em processo**. In: Anais do Segundo Seminário sobre

Os desafios na preservação do patrimônio afro-brasileiro MAFRO/UFBA 37
Maria Teixeira

Museus-Casas, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa,
1998 Rio de Janeiro.

CURY, Marília Xavier. **Museus - Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento.** Revista Museu cultura levada a sério, 2013 p.1. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=16583>>

Acesso: 15.11.2016.

DIJK, Teun A. van. **Racismo y análisis crítico de los médios.** Paidós Comunicación, Barcelona, Espana, 1997 , p.15-25.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Trad. Moacyr Gadotti e Lillian Lopes Martin.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação vol.1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.**17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRONZ, A. Martins, SANCHES, Aglay. **Da magia à sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte.** Disponível em:

<<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewPD/Interstital/198/195>> Acesso em 20. 11. 2016.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Organização e revisão técnica: Artur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e Wiliam Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri,2016 p.17-53.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **A problemática da identidade cultural nos museus:** de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). Anais do Museu Paulista Nova Série, 1993, p. 212.

RUSCONI, Norma. **Extensão cultural e pedagogia do desenvolvimento:** um desafio para a contemporaneidade da Museologia Latino Americana. Museologia e Patrimônio. v.3 n.2 - jul/dez de 2010. Disponível em:

<<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>
>Acesso: 10.11.2016.

SANJAD, Nelson; BRANDÃO, Carlos Roberto. A exposição como processos de comunicação. In: JULIÃO, Letícia (coord.); BITENCOURT, José Neves (org.). **Caderno de diretrizes museológicas 2: mediação museus: curadorias, exposições, ação educativa.** Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.180 p.il.

SANTOS, Maria Célia T, Moura. **Encontros museológicos-reflexões sobre museologia, a educação e o museu.** Rio de Janeiro. MINC/IPHAN/DEMU,2008. Coleção Museu, Memória e Cidadania,4.

SILVA, Joana Angélica Flores. **A Representação das Mulheres Negras nos Museus de Salvador: uma Análise em Branco e Preto,** Dissertação de Mestrado Defendida no PPGMUSEU/UFBA, 2015.